INSTITUTO DE FORMAÇÃO E PESQUISA WILHELM REICH

FORMAÇÃO EM ANALISTA REICHIANA

SEXUALIDADE E ESPIRITUALIDADE: UMA PERSPECTIVA REICHIANA SOBRE O SAGRADO DA RELAÇÃO SEXUAL NA CULTURA JUDAICO CRISTÃ

Elaborado por:

Vanessa Pinto Gonçalves

Rio de Janeiro
Julho, 2020.

Vanessa Pinto Gonçalves

SEXUALIDADE E ESPIRITUALIDADE: UMA PERSPECTIVA REICHIANA SOBRE O SAGRADO DA RELAÇÃO SEXUAL NA CULTURA JUDAICO CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich – IFP Reich, como requisito parcial à conclusão de curso de Formação em Análise Reichiana.

Orientador: Pedro Castel

Rio de Janeiro
Julho, 2020.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....05

1 Sagrado e Sexualidade.....08

2 Afetividade e potência através do contato profundo.....13

3 Relação sexual e Matrimônio.....16

4 Potência orgástica e a relação com a entrega sacramental.....18

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....23

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....25

Oração do Pássaro

Senhor,
Tornai-me louco, irremediavelmente louco
Como os poetas sem palavras para os seus poemas
As mulheres possuídas pelo amor proibido
Os suicidas repletos de coragem perante o medo de viver
Os amantes que fazem do corpo a explosão da alma
(...)
Fazei de mim, Senhor, um louco
Embriagado pelo Vosso amor
Marginalizado do rol de homens sérios
Para poder aprender a ciência do povo
Em núpcias com a Cruz que só a Fé entende como
Um louco a outro louco

Frei Betto

INTRODUÇÃO

Este trabalho, sob a orientação do professor Pedro Castel, visa apresentar minhas percepções da sexualidade num contexto de espiritualidade, onde é possível reconhecer algo do sagrado nas relações sexuais afetivas, relacionando com os conceitos da teoria reichiana de potência orgástica e energia orgônica como possibilidade de entrega profunda à relação e ao universo.

Tenho desejo de continuar os estudos acadêmicos acerca do pensamento do médico e cientista Wilhelm Reich, cujo conhecimento teórico e prático me foram apresentados em uma importante palestra sobre a abordagem terapêutica reichiana desde o 3º período da minha formação do bacharelado em Psicologia no Centro Universitário Celso Lisboa.

No tempo de estudos da universidade tive a oportunidade de conhecer um pouco da história e obra do autor, bem como da abordagem reichiana na vivência da análise clínica, o trabalho com a respiração, os actings e a massagem, e sua percepção de um ser integral, o que apresentava um diferencial marcante se comparado a outras teorias psicoterapêuticas.

Através desse contato inicial com a psicanálise em Reich, foram surgindo interesses também em outros autores e abordagens. Entre estas, especialmente realço a importância maior referente à base psicanalítica de Sigmund Freud para o entendimento e a compreensão de suas teorias de inconsciente, pulsão e libido, entre outros.

A inspiração também surgiu dos conceitos do analista Carl Gustav Jung, como por exemplo, sobre inconsciente individual e coletivo, sombra e arquétipos, trazendo um outro universo amplo de encontro com o saber e a atuação possibilitando a análise dentro do contexto psicoterapêutico.

Em minha experiência enquanto universitária, estive atuando nas áreas da Psicologia: Clínica, Social-Institucional, do Trabalho e Escolar, além da experiência na Licenciatura, como professora estagiária de psicologia. Entre estas, aquela com que me identifiquei mais, e na qual sigo atuando, é a área Clínica.

No Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da universidade pude iniciar os atendimentos pelo viés psicanalítico e, já numa percepção reichiana, sob a supervisão do professor Marcus Vinícius de A. Câmara, quem primeiro me inspirou como mentor da obra de Reich em meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, na referida palestra sobre a abordagem terapêutica reichiana, sendo futuramente meu supervisor e atualmente meu analista, sempre com a paciência e o cuidado atencioso ao ensinar e trabalhar minhas questões.

Neste momento da prática terapêutica, também comecei o meu processo de análise pessoal, seguindo a linha reichiana, na psicoterapia corporal, com a ternura, a docilidade, a firmeza e a segurança da minha primeira psicóloga Diva Passos, que em muito contribuiu para o meu crescimento, primeiro enquanto ser humano e, a partir disso, como profissional da área da saúde, na clínica da psicologia.

Depois de concluir o curso de licenciatura e de bacharelado em Psicologia (2009 e 2010 respectivamente), e tendo participado de oficinas e palestras sobre o tema reichiano, comecei a formação em Analista Reichiana no início de 2011, no IFP-Reich (Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich), que marcou uma mudança fundamental na minha vida pessoal e social.

Sempre tive interesse na correlação entre a sexualidade e a espiritualidade, podendo perceber um quantum energético que há de investimento nessas duas dimensões do ser humano.

Percebo que há um investimento afetivo nessas instâncias, como ponto chave dessa relação, onde se poderia sentir a presença do sagrado a partir de cada atitude afetuosa, investida de energia sexual, dentro do relacionamento como um todo, algo maior e mais profundo.

Ao pensarmos numa ótica judaico-cristã, tema específico deste trabalho, onde a relação sexual seria percebida desta forma restrita ao contexto do matrimônio, já que é um rito sagrado, os dois seres envolvidos têm na sexualidade do casamento algo sacro que está em unidade com Deus, dentro de uma óptica religiosa mais moderna, semelhante à ideia de comunhão, conceito prático da religião católica.

E, refletindo por esta perspectiva, podemos pensar em ir ao encontro do conceito de potência orgástica de Reich, onde tal relação afetiva de contato e entrega, livre e independentemente do rito do casamento, possibilitaria um encontro energético profundo entre os seres envolvidos neste forte vínculo amoroso.

1 Sagrado e sexualidade

Nesse trabalho, intitulado **Sexualidade e Espiritualidade: uma perspectiva Reichiana sobre o sagrado da relação sexual na cultura judaico cristã**, penso sobre a existência de grande discussão no contexto psicanalítico e reichiano: o termo espiritualidade estaria atrelado somente a uma questão mística / religiosa ou seria mais uma instância passiva de análise na dinâmica do sujeito?

Sobre o tema da espiritualidade na sexualidade, pretendo discorrer acerca da espiritualidade nas práticas sexuais e as dimensões do sagrado na sexualidade ao longo do tempo, quero ampliar a compreensão dessa relação e refletir a importância desta especialmente no contexto judaico cristão, sob uma óptica reichiana.

Na correlação entre a sexualidade e a espiritualidade se pode perceber um quantum energético de investimento do homem de modo geral, algo que o afeta, o mobiliza, o fazendo entrar em contato com sentimentos diversos com os quais precisa aprender a lidar na relação consigo mesmo e com as outras pessoas.

Em uma relação íntima, de contato e conhecimento profundo de ambas as partes, sob o viés do casamento cristão, é possível sentir a presença do sagrado a partir de cada atitude afetuosa, investida de energia sexual, dentro do relacionamento como um todo, do encontro energético-afetivo, como citado no livro “Sede Fecundos” do Pe. Leo, “Por ser divino, o amor humano precisa ser enaltecido e salientado. ” (pág. 85, 3° parágrafo).

Dentro da perspectiva reichiana, ao refletir as dimensões gerais que perpassam o ser humano, somos atravessados de modo especial pela questão sexual e energética: “Não pode ser que só a sexualidade seja um tabu. O tema é mais profundo de natureza fundamental. ”. E, seguindo mais adiante, Reich fala do conceito de Deus: “[...] Um deles é de natureza metafísica ou mística e se centra na ideia de um ser sobrenatural que dá forma a todos os eventos. É a ideia de ‘Deus’, que caracteriza todos os sistemas religiosos...” (Éter, Deus e o Diabo - pág. 43, 2º e 3º parágrafos).

No contexto judaico-cristão, especificamente observando uma vertente do vasto universo Católico Apostólico Romano atual, a que se dedica o estudo deste trabalho, a relação sexual somente se daria como algo sagrado no casamento. Há comunhão entre o casal e Deus, ambos sendo um com Deus, uma relação a três: “...pela sexualidade, o ser humano é chamado a reproduzir Deus. ” (Sede Fecundos, Pe. Leo – pág. 34, 2º parágrafo).

Esta relação, onde seria possível “reproduzir Deus” se refere a uma entrega tão profunda que traz conexão com algo maior, para além do próprio casal, fazendo menção à ordem do divino, do universal, da plenitude cósmica de Deus em sua relação amorosa com a humanidade que ama. Este pensamento me remete ao conceito reichiano de potência orgástica, onde, através do contato profundo, haveria a possibilidade do orgasmo, em uma intensa entrega energética.

Segundo Wilhelm Reich: “Antes de ser alcançado o ponto neutro, a excitação desaparece em curva suave e é imediatamente substituída por uma agradável relaxação física e psíquica. As relações sensuais se abrandam, mas permanece em relação ao companheiro uma atitude ‘saciada’ e terna, a que se junta o sentimento de gratidão. ” (A Função do Orgasmo, pág. 98, 6º parágrafo continuativo).

As percepções deste trabalho se baseiam em estudos e vivências relacionadas às relações sexuais e precisamos compreender que, embora ambos os conceitos permaneçam diferenciados, será possível fazer entre elas uma ponte de associações interessantes.

Temos a seguir duas percepções da sexualidade / afetividade, onde no contexto do sacramento do matrimônio, abordamos o vínculo terno e sagrado entre o casal e Deus, dentro de uma perspectiva judaico cristã, (baseado em algumas vertentes mais flexíveis da Igreja Católica), associado ao conceito de potência orgástica em Análise Reichiana, referente ao encontro energético profundo (proposto pela teoria de Wilhelm Reich), baseada numa relação íntima de entrega forte e amorosa.

A potência orgástica pressupõe uma real entrega energético-sexual, intensa e afetiva, o que se pode apontar como “paralela” ou “próxima” ao conceito do sagrado da relação sexual, e a consequente relação com o divino em cada um, dentro de uma certa vertente mais reflexiva a esses temas atualmente na Igreja Católica.

Ao iniciarmos nossa reflexão sobre o sagrado e a sexualidade, precisamos compreender a realidade deste contexto histórico que sempre fora estudado, pensado e praticado.

De acordo com o livro “Sexo & Religião” (Dag Oisten Endsjo): “Ao adentrarmos o jardim sagrado do sexo e da religião, logo nos deparamos com uma quantidade incontável de variantes” (pág. 9, 1º parágrafo).

Historicamente, podemos perceber que na Bíblia, no antigo testamento, não aparece uma proibição da prática do sexo antes do casamento: “O gênero e o estado civil, portanto, são fatores decisivos para a aceitação, em maior ou menor escala, do sexo pré-conjugal. A um homem é vedado apenas fazer sexo com mulheres que sejam casadas ou prometidas a outros homens...” (Sexo & Religião, página 69. 4º parágrafo).

Refletindo sobre a sexualidade no contexto do cristianismo, especialmente da religião Católica, “O pressuposto cristão sempre foi o de evitar o sexo fora do casamento...” (Sexo & Religião, página 68, 1º parágrafo). Esse pressuposto se encontra em vários textos bíblicos, como neste que diz: “Guarda-te, meu filho, de toda a fornicação: fora de tua mulher, não te autorizes jamais um comércio criminoso. ” (Bíblia Sagrada, Tob 4, 13).

Entende-se a questão da pureza e da castidade como um respeito ao próprio corpo que seria parte em si mesmo do corpo espiritual de Deus: “Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo. ” (Bíblia Sagrada, 1 Cor 6, 20).

Sendo assim, em nossa sensação do corpo físico esse mesmo valor seria percebido, sentido espiritualmente como um corpo sacro, enquanto o próprio corpo divino: “Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é sagrado – e isto sois vós. ” (Bíblia Sagrada, 1 Cor 3, 16-17).

Dentro desta compreensão de sacralidade do ser humano, em uma vertente mais moderna do posicionamento Católico, de acordo com Pe. Leo: “O ser humano é chamado a reproduzir Deus no próprio relacionamento sexual. O encontro íntimo, genital, entre um homem e uma mulher deve ser lugar de revelação e reprodução de Deus. (...) É o amor humano, sexual, genital e íntimo que sinaliza e revela o amor esponsal de Deus. ” (“Sede Fecundos”, pág. 35, 1º parágrafo).

Diferentemente da vertente Católica, Reich não percebe o casamento como premissa para a relação sexual satisfatória e profunda, considerando que por mais profunda que seja uma ligação amorosa/sexual, ela pode acabar em algum momento, cedendo lugar a outra ligação forte com outra pessoa, e assim por diante.

No livro “Cem Flores para Reich”, vemos a percepção de um encontro amoroso que acontece de forma fluída e não imposta, independente do casamento, porém a relação poderá ser naturalmente monogâmica caso o afeto e a sexualidade estejam presentes: “O caráter genital tem um modo de andar ágil e firme, um trato direto e franco, um olhar claro e brilhante, uma voz quente; é ativo e eficaz sem ser agitado, considera os problemas com objetividades e realismos e esforça-se por encontrar soluções racionais; [...] é fraternal com seus amigos, ama sua mulher, goza com ela e a faz gozar apaixonadamente sem sentir-se por isso submetido ao rigor monogâmico” (pág. 98, 1º parágrafo).

O caráter genital “[...] admite que o valor está em harmonia com o princípio da autorregulação; posto que estabeleça a supremacia da inteligência com base na intensa e livre circulação da energia libidinal [...]. Milita sem exibicionismo em sua prática cotidiana por tudo aquilo que favorece a liberdade, o amor, a alegria de viver; sua plenitude orgástica e a rejeição moderada dos impulsos pré-genitais e incestuosos que alimentam, quase de modo espontâneo, as sublimações criadoras [...] O caráter genital encarna, aos olhos de Reich, ‘ o equilíbrio perfeito da economia libidinal fundamentada em sua capacidade para a existência sexual plena’. ” (Cem Flores para Reich, pág. 98, 1º parágrafo).

Sendo assim, para Reich, a importância da relação se dá no encontro íntimo onde o afeto e o sexo estão fundidos, trazendo o conceito de uma monogamia natural enquanto houver uma ligação verdadeiramente forte entre as duas pessoas envolvidas amorosamente.

2 Afetividade e potência através do contato profundo

A sexualidade que se constrói na relação afetiva precisa de tempo, vínculo, confiança e entrega, para que haja uma sensação de segurança entre os que estão em um relacionamento. Dentro da visão católica: “Somente no amor verdadeiro, a sexualidade humana é modelada segundo Deus. ” (“Sede Fecundos”, Padre Leo, pág. 48 – 2º parágrafo).

A maior dificuldade que se apresenta no cenário atual de relacionamentos, pensando sobre esse prisma, seria o medo de assumir compromissos efetivamente, de estabelecer vínculos mais profundos e honestos, onde haja diálogo sincero e acolhedor entre ambos em cada situação do dia a dia, pois há uma realidade fútil e pouco afetiva, estabelecendo relações superficiais e descartáveis, seguindo uma espécie de “capitalismo relacional”; trata-se de uma sociedade que sobrevive em uma vida mais artificial, em seus corpos, suas mentes, seus espíritos, suas trocas energéticas, gerando rotinas viciadas, vazias de sentido, direção e significado.

Quanto maior for a neurose mútua, ou seja, quanto pior for a relação consigo mesmo, mais isso irá se reproduzir na relação com o outro, o que quer dizer que mais conflituoso e frustrante se dará esse encontro a dois, já que não haverá uma real possibilidade de confiança e entrega, mas o oposto adoecimento disso: desconfiança, competição, ciúmes e possessividade.

O tempo de conhecimento e contato é fundamental para que haja um campo energético harmonioso, que vai ao encontro de uma convivência amorosa e afetuosa do casal, considerando uma relação saudável. Sendo dito isso dentro de uma percepção Católica: “...casais verdadeiramente batizados no Espírito Santo para que possam experienciar a plenitude de Deus no exercício e na vivência da sexualidade. Somente na força do Espírito Santo o casal descobre seu corpo como lugar da presença real de Deus” (“Sede Fecundos”, Padre Leo, pág. 79, 2º parágrafo).

Essa intimidade que vai se dando, acontece ao longo do tempo, dos anos de convivência e de um campo de energia comum que vai se formando entre os dois. Visto pelo catolicismo: "...na grande maioria das vezes, o casal é capaz de dormir na mesma cama, viver a comunhão sexual durante muitos anos, mas não ter a coragem de dialogar sobre sua vida íntima. " ("Sede Fecundos", pág. 63, 2° parágrafo).

O diálogo é a base que ampara a parceria. Se a comunicação acontece, verbal e física, se a intimidade afetiva e social ocorre, há um lugar diferente dessa intimidade, desse lugar comum de prazer. Sob o olhar judaico-cristão seria, portanto: "um encontro entre um casal que se ama, que se quer bem e que usa da linguagem corporal para tentar transmitir todo o amor que sente um pelo outro. " ("Sede Fecundos", pág. 66, 2ª parágrafo continuativo).

Na relação, é fundamental que o conhecimento do corpo e da emoção um do outro vá acontecendo na medida em que há harmonia de confiabilidade, se desenvolvendo, maturando. Essa óptica cristã atual diz: "Pesquisas sérias mostram que o corpo humano reage com prazer aos toques amorosos de uma mão macia e delicada. (...) O marido precisa aprender a acariciar o corpo de sua esposa, não reduzindo aos toques nos órgãos genitais. Todo o corpo humano pode ser fonte de prazer" ("Sede Fecundos", pág. 65, 2º parágrafo).

O ser conhece o outro que se aproxima, com seu corpo, sua presença energética, suas lembranças e marcas, pois é uma energia comum, aquela que permanece sempre junto em momentos de dor, de alegria, de sofrimento e de paz. O vínculo de afeto faz toda diferença em uma relação sexual de conhecimento, contato, um amadurecimento a dois.

São seres que vivem próximos, corpos que convivem, corpos cheios de afeto um pelo outro, e a intensidade que vivem é de aconchego pelo conhecimento do tempo, não de um momento somente, um acaso a mais. Corpo e mente, energia e espírito em constante conexão profunda e manutenção relacional desse contato afetivo ao longo do tempo.

O cuidado do corpo e da mente seria então, no contexto católico, um cuidado oferecido em gratidão e “temor ao criador” (alusão cristã à ideia referente a respeito, honra, agradecimento a Deus): “Partindo de uma visão teológica, precisamos aprender a cuidar de nosso corpo como lugar da graça de Deus. Nossos órgãos genitais devem ser tratados com carinho, higiene e cuidado” (“Sede Fecundos”, Padre Leo, pág. 80, 1º parágrafo).

Em uma relação de tamanha parceria, já não se tem lugar para tantas dúvidas ou incertezas, mas há um sentimento de abandonar-se, de doar-se, intimamente, afetivamente, energeticamente, sacramentalmente.

Na ideia do rito do casamento católico, o prazer corporal pleno é sempre consequência de uma comunhão profunda entre o casal: “Se a sexualidade plena tem sua expressão máxima através do encontro genital, ela não se reduz aos genitais. Todo o corpo pode e deve ser canal e fonte de um prazer puro e santo. O casal precisa aprender a contemplar o corpo, como o próprio Deus fez ao final da criação do ser humano. ” (“Sede Fecundos”, pág. 65, 1° parágrafo).

Para Reich, “O amor conjugal nada tem a ver com a certidão de casamento [...] desenvolve-se com simplicidade. Não exige esforço. O crescimento progressivo, o acesso ao novo estágio, a descoberta de uma nova maneira de olhar, a revelação de um novo detalhe de sua maneira de ser, agradável ou não, são experiências deliciosas. Elas nos mantem em movimento. Elas nos incitam a nos modificarmos dentro das tendências naturais de nosso desenvolvimento. ” (O assassinato de Cristo, pág. 39, 1º parágrafo).

A monogamia natural para Reich é possibilitada não por uma proibição coercitiva social ou obrigatoriedade religiosa, mas sim através do aprofundamento maduro da relação, o que traria maior prazer afetivo/sexual para os seres envolvidos nessa união. O desejo de alimentar o vínculo amoroso através de um contato legítimo de honestidade, diálogo e amor seria em si a premissa para permanecer nessa relação com o outro.

3 Relação sexual no Matrimônio

Enquanto isso, a percepção mais atual do catolicismo em relação à atividade sexual amorosa traz concepções próprias e distintas de percepções reichianas. O livro “Vida sexual no casamento” (Prof. Felipe Aquino) apresenta a seguinte visão: “(...) o bom relacionamento sexual na vida do casal é fundamental para a sua harmonia conjugal” (pág. 72, 5º parágrafo).

De acordo com essa percepção religiosa, o sexo é percebido como “um meio para a unidade do casal. Mais do que nunca é no relacionamento sexual que eles se tornam ‘uma só carne’. ” (“Vida sexual no casamento”, pág. 73, 4º parágrafo). A relação sexual é parte integrante da vida matrimonial, não se separando das outras questões relacionadas ao casamento como um todo: “A intimidade corporal é sempre parte do relacionamento pleno, completo, total. ” (“Sede Fecundos”, pág. 71, 2º parágrafo).

Podemos traçar paralelos entre a leitura reichiana deste ato de doação do casal, de entrega sexual, com a plenitude que lhe é proposta, os toques amorosos preliminares fazendo parte de um encontro energético, afetivo e físico mais amplo, com o que fala a visão judaico-cristã moderna: “A intimidade sexual será sempre consequência da doação mútua e dos pequenos detalhes vivenciados pelo casal, que deve se sentir livre para se tocar, se amar, se conhecer e se experimentar. ” (“Sede Fecundos”, pág. 72, 3º parágrafo). Isso possibilita a maior segurança de um para com o outro, o comprometimento da vida na relação consigo mesmo, o próprio corpo e a espiritualidade, com o outro e com a divindade que o compõe.

Dentro desta perspectiva católica, e diferentemente da percepção de Reich, o sexo só seria bem vivenciado no matrimônio, onde a proposta é dividir uma vida juntos em uma relação segura, independente das situações adversas que se apresentem, já que "só no casamento existe um compromisso de vida 'para toda a vida', e a responsabilidade de assumir as suas consequências, especialmente os filhos. " ("Vida Sexual no casamento", pág. 73, 7º parágrafo).

Sendo assim, o ato sexual diz respeito ao íntimo da pessoa humana, ou seja: "Não pode haver vida sexual autêntica sem profundo amor" ("Vida sexual no casamento", pág. 73, 7º parágrafo). Isso não se restringiria obviamente ao rito sacramental apenas destituído do desejo real e genuíno do casal.

Ainda sob esse prisma, segundo o Catecismo da Igreja Católica (Cat. S2361; FC, 11): "A sexualidade (...) só se realiza de maneira verdadeiramente humana se for parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até a morte. " ("Vida Sexual no casamento", pág. 73, 10º parágrafo). Pode-se dizer que, para Reich seria naturalmente até a "morte" desse sentimento e desejo real entre os dois.

Para a vivência do amor na relação, na percepção de Reich, seria necessário tempo de conhecimento do casal: "É preciso meses, às vezes anos, para conhecer o corpo do parceiro amoroso. A descoberta do corpo do bem-amado proporcionará uma grande satisfação. Experimentaremos isso ao ultrapassarmos as primeiras dificuldades no ajustamento de dois organismos vivos. " (O assassinato de Cristo, pág. 39, 40).

4 Potência orgástica e a relação com a entrega sacramental

De acordo com Wilhelm Reich, “Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo. ” (A Função do Orgasmo, pág. 94, 2º parágrafo).

Reich analisou que, “os que estão psiquicamente enfermos precisam de uma só coisa – completa e repetida satisfação genital. ” (A Função do Orgasmo, pág. 89, 3º parágrafo). Desta forma, na percepção dele: “A gravidade de todas as formas de enfermidade psíquica está diretamente relacionada com a gravidade da perturbação genital. As probabilidades de cura e o sucesso da cura dependem diretamente da possibilidade de estabelecer a capacidade para a satisfação genital plena. ” (A Função do Orgasmo, pág. 90, 2º e 3º parágrafos).

Refletindo sobre seu trabalho, Reich observou que “não havia nenhuma só mulher que não tivesse uma perturbação orgástica vaginal. Uns sessenta ou setenta por cento dos pacientes masculinos tinham perturbações genitais graves. (...) A perturbação da capacidade de experimentar satisfação genital, de experimentar aquilo que é o fato natural por excelência, mostrou que era um sintoma sempre presente nas mulheres...” (A Função do Orgasmo, pág. 90, 4º parágrafo).

Assim, pensando nesta doação plena como a capacidade de abandonar-se ao fluxo energético natural, podemos comparar esse conceito de potência orgástica à visão católica de “celebração sacramental”, onde é possível perceber e sentir plenamente a beleza de Deus através da manifestação natural dos corpos, transformados em um, dentro da percepção sagrada referente ao sexo no casamento enquanto sacramento.

Se aplicarmos esse conceito à vivência que se deseja no matrimônio, ao que se propõem os cônjuges quando decidem escolher alguém com quem dividir a vida a partir daquele momento, podemos refletir o seguinte: “Se a comunhão física e sexual é realização da doação plena que marido e mulher se prometeram no Senhor e manifestação da grandeza e da beleza de Deus, a intimidade conjugal precisa ser revestida de um caráter celebrativo. ” (Sede Fecundos, pág. 95, primeiro parágrafo).

Na relação, os dois envolvidos se permitem estar totalmente entregues e, naquele contexto sagrado para a percepção católica, abandonados em Deus, ao cosmo, ao universo, e à vida que pulsa em ambos como um. Neste contexto, “A sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. ” (CIC 2361, citado no livro Sede Fecundos, pág. 95, 3º parágrafo continuativo).

Desta forma, assim como a entrega orgástica plena é fundamental para a saúde da relação, na análise de Wilhelm Reich, também sob o atual olhar católico é essencial que o casal aprenda “a saborear a presença do outro, o cheiro do outro, a respiração e até o sono restaurador do outro. ” (“Sede Fecundos”, pág. 73, 4º parágrafo continuativo).

Traçando um paralelo com essa perspectiva e retornando para a visão de Reich, “a maior parte dos homens e mulheres potentes, quanto mais lentas e delicadas são as fricções, e mais estreitamente sincronizadas, mais intensas são as sensações de prazer. Isso pressupõe um alto grau de afinidade entre o homem e a mulher. ” (A Função do Orgasmo, pág. 96, 2º parágrafo).

O artigo de Silvestre Falcão Santana, “Espiritualidade e psicoterapia” é baseado na Bioenergética, forma terapêutica advinda dos estudos e trabalhos de Wilhelm Reich e Alexander Lowen, trazendo uma percepção reichiana da civilização como produtora de indivíduos mecanicistas e místicos, onde: “Tanto a ciência (mecanicista) quanto a religião (místicos) se voltaram contra a vida do

corpo, por isso que não reconheceram ainda a significação do orgasmo como um prazer físico unido a experiência espiritual do infinito. ” (Revista ABC Corporal Ano 2 - nº 3, pág. 21, 6º parágrafo).

O conceito apresentado como fonte de atividade genital plena para Reich, potência orgástica, seria definido por dois critérios: “As contrações involuntárias do orgasmo e a descarga completa da excitação; implica a capacidade de abandonar-se sem inibição aos fluxos da energia biológica, a faculdade de concentrar-se com a personalidade inteira na vivência do orgasmo, apesar de todos os conflitos possíveis, aptidão de permitir, no nível imaginário, apenas os fantasmas, relativamente limitados, que estejam em harmonia com a vivência sexual – e notadamente todos os que concernem à figura do parceiro” (Cem flores para Wilhelm Reich, pág. 318, 4º parágrafo).

Sendo assim, o prazer será mais intenso, tal como a queda na excitação, como continua Reich: “... entende por potência orgástica a aptidão, no ser humano, ‘de atingir uma satisfação de acordo com a êxtase libidinal do momento; mas também a aptidão de chegar frequentemente a esta satisfação, encontrando-se, em geral, pouco sujeito as perturbações da genitalidade, que atrapalham às vezes até mesmo o orgasmo do indivíduo relativamente sadio’. ” (Cem flores para Wilhelm Reich, pág. 318, 319, 4º parágrafo).

Reich apresenta em contraponto a impotência orgástica, convertendo esta noção no conceito que unifica todas as neuroses: “... aparecem como deformações em graus maiores ou menores, da potência orgástica em seus diferentes estágios de realização, desde as preliminares descartadas ou intermináveis até a inconclusão da descarga final” (Cem flores para Wilhelm Reich, pág. 319, 1° parágrafo).

Seguindo este entendimento, Falcão afirma ainda o seguinte: “O paciente, quando faz um investimento sério e assertivo, com instrumentos sadios da ciência e religião, propiciará a queda da dicotomia entre o mecânico e o místico. Experimentará sua potência orgástica através da entrega à matéria e ao espírito.

E neste processo de fluxo livre de energia é que consiste a saúde psíquica. ” (Falcão, 1999, pág. 21). Isso difere da análise de Reich, que preconiza, ao contrário de Falcão, a substituição do “mecânico” pelo “vivido” e do “místico” pela “existência” (místico enquanto o que transcende a existência).

Na percepção do autor, há a imagem criada, pelo próprio homem, de um “Deus” que é castrador e repressor, coerente com a realidade social e sexual vigente e, na psicoterapia, seria necessário desmistificar essa imagem, fruto de influências igualmente castradoras vivenciadas na cultura da própria experiência desenvolvida na religião e na sociedade.

Desta forma, faria parte do objetivo terapêutico modificar esta imagem divina, bem como mudar a relação vivenciada com esse “Deus” que não deveria ser, então, produto da neurose, mas sim do contato profundo do sujeito com o sagrado e consigo mesmo, seu eu interior e espiritual.

Essa mudança possibilitaria resultados benéficos ao organismo como um todo: “E uma vez sendo dissolvidas (...) essas marcas de traumas e das defesas, o paciente terá condições de experimentar com grande intensidade o amor (termo cristão) ou a energia orgone (termo Reichiano). [...] a pessoa estará mais sensível e receptiva para entrar numa relação com o transcendente da forma pura e transparente. (...) poderá viver experiências surpreendentes obtendo uma qualidade melhor de vida em sua matéria e em todos os setores de sua existência. ” (Falcão, 1999, pág. 22).

Outrossim, faz-se importante aclarar que amor no trecho se refere a um termo cristão, mas não é exclusivo do cristianismo, tendo sido usado muito anteriormente, inclusive na civilização grega. Além disso, essa forma “pura e transparente” citada no trecho, não inviabiliza a percepção crítica e reflexiva. Não há uma ingenuidade tola, mas uma confiança intuitiva, atenta, com contato interior maior.

Seguindo este raciocínio do autor, podemos refletir sobre a questão do orgasmo para Reich, que envolve alegria e espontaneidade, trazendo o que há de mais natural possível no movimento fluido e energético daqueles seres envolvidos na relação: “Nas experiências místicas podemos encontrar o orgasmo espiritual refletido na alegria e espontaneidade com um fluxo contínuo de grande gozo. “. (Falcão, 1999, pág. 21).

Essa continuidade é vivenciada somente em uma relação em que é investida a importância de um para com o outro, uma ternura mais ampla, verdadeira e plenamente afetiva, fortalecida pela profundidade espiritual, sexual, energética, emocional, física e social, através de uma relação de contato profundo, verdadeiro, saudável, fluindo pela constante possibilidade do diálogo constante e honesto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que pude compreender em meus estudos, prática profissional e uma vivência pulsante do sagrado e do corpo, sinto que o olhar mais completo sobre o organismo como um todo deve contemplar suas dimensões profundamente.

Todas as instâncias do ser devem ser levadas em consideração para compreensão do “si mesmo”, buscando desenvolver tanto quanto for possível o contato profundo com a sexualidade plena, o entendimento do sagrado, a fluidez energética, o físico saudável, o emocional equilibrado e o social potente, não separadamente, mas integrados, resultando melhores condições desse sujeito no encontro consigo mesmo, com o outro e com a vida plenamente.

No contexto relacionado à cultura judaico cristã, as relações sexuais verdadeiramente dentro do sacramento do matrimônio podem ser associadas ao encontro energético profundo da potência orgástica, preconizada por Reich. Essa afirmação tem como base à entrega amorosa plena, intensamente vivenciada na ternura do sexo, vinculada ao que há de afetivo e sagrado entre o casal e Deus, por intermédio deste encontro sacramental, desde que o rito esteja de acordo com o desejo real de ambos, bem como o contato interno verdadeiro na relação consigo mesmo e com o outro.

O prazer sentido pelo casal, seja de ordem corporal, emocional e espiritual, seria consequência dessa contemplação de um para com o outro, vivido na comunhão profunda entre o casal, tendo todo o corpo como canal desse prazer, dessa alegria e satisfação orgástica plena, assim como a divindade admira o ser humano como sendo sua obra e parte de seu corpo santo.

Assim, entender o ser como essa expressão corporal, energética, emocional e espiritual é observar o contato do sujeito com seus desejos e necessidades, sendo no atendimento psicoterapêutico, nas relações familiares, sociais e amorosas.

Essa reflexão é de importante análise, e pode ser experienciada de forma intensa e plena quando se está em contato profundo com a sexualidade no vínculo com o sagrado interior e a relação pulsante com o divino.

Podemos, então, compreender dentro de uma perspectiva neo-reichiana correlacionada à uma vertente da igreja católica, que “a boa relação entre a mente e o espírito é determinado pela vivacidade e vibração do próprio corpo na forma de existir do ser humano. O fluxo orgástico se reflete no existir em evolução. ” (Falcão, 1999, pág. 23).

Cabe aqui destacar que o presente trabalho não tem o intuito de reproduzir moldes, mas sim, possibilitar uma percepção de maior amplitude do sujeito como um todo integrado, em contato com a sexualidade, a afetividade e a espiritualidade, ampliando nossa percepção e refletindo a importância da espiritualidade nas práticas sexuais.

Assim, podemos analisar e sentir mais profundamente a vivência de uma real sexualidade amorosa consigo mesmo e no encontro com o outro a partir dessa percepção da conexão do sujeito com o universo interior sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Felipe Rinaldo de Queiroz. **Vida sexual no casamento.** 12ª edição – Lorena: Editora Cléofas, 2013.

Bíblia Sagrada. Editora Ave Maria

ENDJSO, Dag Oistein. **Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual.** Tradução Leonardo Pinto. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

FALCÃO, Silvestre. **Espiritualidade e psicoterapia.** Artigo da Revista ABC Corporal – A. B. A. B. / BH - Ano 2 – nº 3. Verão Outono, 1999

LÉO, Padre. **Sede Fecundos.** 17ª edição – São Paulo: Editora Canção Nova, 2013.

REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo: Problemas econômico-sexuais da energia biológica.** 4ª edição – São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

REICH, Wilhelm. **Éter, Deus e o Diabo, O – Seguido de A Superposição Cósmica.** Tradução Maya Hantower. 1ª edição – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

REICH, Wilhelm. **O Assassinato de Cristo.** Tradução Carlos Ralph Lemos Viana. 5ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROGER, Dadoum. **Cem Flores para Reich.** Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias. 1ª edição – São Paulo: Editora Moraes, 1991.